Revista Extensão & Cidadania ISSN 2319-0566 UESB PROEX Pró-Reitoria de Extensão e Assuntos Comunitários

MULHERES DE FRONTEIRAS: CULTURA, ETNICIDADE E TRABALHO DO CUIDADO NA PERIFERIA DE VITÓRIA DA CONQUISTA

WOMEN OF THE BORDERS: CULTURE, ETHNICITY, AND CARE WORK IN THE PERIPHERY OF VITÓRIA DA CONQUISTA

MUJERES DE LAS FRONTERAS: CULTURA, ETNICIDAD Y TRABAJO DE CUIDADOS EN LA PERIFERIA DE VITÓRIA DA CONQUISTA

Juliana Teixeira de Assunção[1]

Márcia Santos Lemos[2]

Renato Ribeiro Silva[3]

Resumo: O Laboratório de Estudos Marxistas, vinculado ao Departamento de História da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (LEMarx-Uesb), realizou em parceria com o projeto social Maria Nilza, coordenado pela "Casa de Oyá", o projeto de extensão "Mulheres de fronteiras: cultura, etnicidade e trabalho de cuidado na periferia de Vitória da Conquista". O objetivo principal foi a implantação da Biblioteca Comunitária na sede do Maria Nilza, no bairro Patagônia, em Vitória da Conquista-BA. A extensão também desenvolveu outras ações associadas ao seu foco, entre elas: a) Grupo de Estudos sobre Vigotski, seus colaboradores e a abordagem Histórico Cultural; b) O Grupo de Estudos "As Rosas de Luxemburgo: epistemologias negras, pensamento afro-latino-americano e a tradição marxista" e, por último, c) "Tia Ciata: pensamento e cultura negra anticolonial", além de realizar o ciclo de atendimento às crianças e aos jovens com dificuldade na linguagem e o "Novembro Negro". A implantação da Biblioteca ocorreu durante o segundo semestre de 2025, tendo como resultado 900 livros registrados no PHL e a organização do sistema de empréstimo do acervo. A extensão alcançou a comunidade acadêmica e regional, articulando os saberes tradicionais de matriz afro-brasileira, as experiências dos movimentos sociais, a Lei Federal nº 10.639/2003 e o saber científico a partir da Teoria da Reprodução Social.

Palavras-chave: mulheres de fronteira; cultura. Etnicidade; trabalho do cuidado; reprodução social.

***Abstract**: The Laboratory of Marxist Studies, linked to the Department of History of the State University of Southwest Bahia (LEMarx-Uesb), in partnership with the Maria Nilza social project, coordinated by "Casa de Oyá", carried out the extension project "Women of the*

[1]Bibliotecária. MBA em Inovação em Unidades de Informação, pela Universidade Federal de São Carlos. Bibliotecária da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Vitória da Conquista, Bahia, Brasil. Orcid: https://orcid.org/0009-0001-1898-6758 E-mail: julianatassuncao@gmail.com

[2]Doutora em História Social pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Professora Titular do Departamento de História e do Programa de Pós-graduação em Letras: Cultura, Educação e Linguagens da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Líder do Laboratório de Estudos Marxistas (LEMarx-Uesb), Vitória da Conquista, Bahia, Brasil. Orcid: https://orcid.org/0000-0002-3527-1391 E- mail: marcia.lemos@uesb.edu.br

[3]Licenciando em História pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Vitória da Conquista, Bahia, Brasil. Orcid: https://orcid.org/0009-0009-8549-2748 E-mail: renatoribeirosilva129@gmail.com

Borders: Culture, Ethnicity and Care Work in the Periphery of Vitória da Conquista". The main objective was the implementation of the Community Library at the Maria Nilza headquarters, in the Patagônia neighborhood, in Vitória da Conquista-Ba. The extension also developed other actions associated with its focus, including: a) Study Group on Vygotsky, his collaborators and the Historical-Cultural approach; b) The Study Group "The Roses of Luxemburg: Black epistemologies, Afro-Latin American thought and the Marxist tradition"; and c) "Tia Ciata: anti-colonial Black thought and culture", in addition to carrying out the cycle of support for children and young people with language difficulties and "Black November". The implementation of the Library took place during the second semester of 2025, resulting in 900 books registered in the PHL (Public Library History) and the organization of the collection's loan system. The outreach reached the academic and regional community, articulating traditional Afro-Brazilian knowledge, the experiences of social movements, Federal Law 10.639/2003, and scientific knowledge based on the Theory of Social Reproduction.

Keywords: *women of the border; culture; ethnicity; care work; social reproduction.*

Resumen: *El Laboratorio de Estudios Marxistas, vinculado al Departamento de Historia de la Universidad Estatal del Sudoeste de Bahía (LEMarx-Uesb), en colaboración con el proyecto social Maria Nilza, coordinado por "Casa de Oyá", llevó a cabo el proyecto de extensión "Mujeres de las Fronteras: Cultura, Etnicidad y Trabajo de Cuidados en la Periferia de Vitória da Conquista". El objetivo principal fue la puesta en marcha de la Biblioteca Comunitaria en la sede de Maria Nilza, en el barrio Patagônia, en Vitória da Conquista-Ba. La extensión también desarrolló otras acciones relacionadas con su enfoque, entre ellas: a) Grupo de Estudio sobre Vygotsky, sus colaboradores y el enfoque histórico-cultural;b) Grupo de Estudio "Las Rosas de Luxemburgo: Epistemologías negras, pensamiento afro-latinoamericano y la tradición marxista"; y c) "Tía Ciata: pensamiento y cultura negra anticolonial", además de llevar a cabo el ciclo de apoyo a niños y jóvenes con dificultades lingüísticas y el "Noviembre Negro". La puesta en marcha de la Biblioteca tuvo lugar durante el segundo semestre de 2025, resultando en el registro de 900 libros en la PHL (Historia de la Biblioteca Pública) y la organización del sistema de préstamo de la colección. La labor de difusión llegó a la comunidad académica y regional, articulando el saber tradicional afrobrasileño, las experiencias de los movimientos sociales, la Ley Federal 10.639/2003 y el conocimiento científico basado en la Teoría de la Reproducción Social.*

Palabras clave*: mujeres de la frontera; cultura; etnicidad; trabajo de cuidados; reproducción social.*

Revista Extensão & Cidadania, v. 14, n. 25, p. 293-309, jan./jun. 2026.
DOI: https://doi.org/10.22481/recuesb.v14i25.19297
ISSN 2319-0566

Introdução

A proposta do projeto "Mulheres de fronteira: cultura, etnicidade e trabalho do cuidado na periferia de Vitória da Conquista" é interdisciplinar, interdepartamental e interinstitucional e buscou desenvolver um conjunto de ações contínuas, articuladas a partir da Teoria da Reprodução Social (TRS), que compreende as relações patriarcais e racistas como constitutivas do capitalismo dependente e periférico na formação social brasileira. O Projeto objetivou contribuir com o Projeto Social Maria Nilza, coordenado pela "Casa de Oyá", e fomentar o desenvolvimento de pesquisas balizadas pela Epistemologia Feminista Negra e Anticolonial e pela abordagem Histórico Cultural. As ações foram realizadas na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia e no bairro Patagônia, com atividades desenvolvidas em parceria com a "Casa de Oyá", o Movimento Negro Unificado (MNU) e o Núcleo de Pesquisa e Extensão sobre Projetos Societários, Educação e Questão Agráriana Formação Social Brasileira (NEPEQ-UFF), vinculado à Escola de Serviço Social da Universidade Federal Fluminense.

A proposta é coordenada pelo Laboratório de Estudos Marxistas (LEMarx- DH/Uesb) em parceria com o Laboratório de Pesquisa e Estudos em Neurolinguística (LAPEN-DELL/Uesb). Estes Laboratórios, além de promover a formação de pesquisadoras na área, buscam implementar ações direcionadas para a comunidade do sudoeste da Bahia, em especial, pessoas em situação de vulnerabilidade. Por fim, o projeto está vinculado aos estudos desenvolvidos nos Programas de Pós-graduação em Letras: Cultura, Educação e Linguagem e no Programa de Pós-graduação em Linguística da Uesb. Busca-se dar continuidade ao trabalho já em curso, associado ao Programa de extensão "As mulheres na Sociedade de Classes: gênero, raça e desigualdade social", de modo a ampliar as ações que ensejam contribuir para a melhoria das condições de vida da população do sertão da Bahia.

É importante destacar que a universidade pública defende e promove três pilares principais para a formação profissional e acadêmica: ensino, pesquisa e extensão. A extensão universitária é responsável por promover atividades que interligam o conhecimento acadêmico com a comunidade por meio de cursos, oficinas, serviços, palestras ou eventos que possam proporcionar a experiência da troca de saberes. Nesta perspectiva, foi criado em abril de 2019,

Revista Extensão & Cidadania, v. 14, n. 25, p. 293-309, jan./jun. 2026.
DOI: https://doi.org/10.22481/recuesb.v14i25.19297
ISSN 2319-0566

o Laboratório de Estudos Marxistas, vinculado ao Departamento de História da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (LEMarx-Uesb). O LEMarx organiza e articula atividades que se estruturam a partir do materialismo histórico-dialético, como o Projeto Mulheres de Fronteira. Neste relato de experiência vamos dar ênfase a instalação da biblioteca comunitária e realização do "Novembro Negro" no Projeto Social Maria Nilza.

Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a população de Vitória da Conquista, no último censo [2022], era de 370.879 pessoas, sendo o terceiro município mais populoso da Bahia. O bairro Patagônia faz parte das zonas periféricas do município, sendo considerado um dos mais populosos e extensos da cidade. Nesse contexto, o Projeto Social Maria Nilza visa atender à comunidade da Patagônia em situação de vulnerabilidade, por meio do oferecimento de cursos gratuitos, serviços de saúde e distribuição de marmitas.

A Casa de Oyá é uma associação sem fins lucrativos, responsável pelo Ilê Axé Oyá Funmilayo Kilyobá e pelo Projeto Social Maria Nilza, ambos localizados no bairro Patagônia, em Vitória da Conquista, Bahia. Desde 2017, Maria Nazaré Sá, líder comunitária e Yalorixá do Ilê Axé Oyá Funmilayo Kilyobá, já desenvolvia ações culturais e de assistência aos mais vulneráveis. Durante a pandemia da Covid-19 participou da campanha "Doa quem pode, pega quem precisa", que buscava arrecadar mantimentos para pessoas em situação de insegurança alimentar. Em 2022, criou oficialmente o Projeto Social Maria Nilza, em homenagem a sua mãe e irmã. Desde então, Mãe Naza, como é conhecida no bairro, mantém o Projeto com voluntárias/os, bazar, doações e editais públicos, funcionando em duas sedes alugadas. Nestes espaços está estruturada uma série de ações desenvolvidas regularmente nas áreas da saúde, educação, cultura e profissionalização.

O Maria Nilza oferece atendimento médico e psicológico, ballet, judô, alfabetização para adultos, curso para formação de cuidadoras, culinária e costura de trajes de candomblé (*Asó* de tradição), além de organizar feiras socioculturais, debates sobre consciência negra e ciclos de palestras sobre cultura, arte e direito do povo do Axé. Na cozinha comunitária, estruturada em sua sede, são preparadas 800 refeições, entregues três vezes por semana para pessoas em insegurança alimentar. Este é o Projeto "Comida no Prato", que assiste uma

Revista Extensão & Cidadania, v. 14, n. 25, p. 293-309, jan./jun. 2026.
DOI: https://doi.org/10.22481/recuesb.v14i25.19297
ISSN 2319-0566

população completamente invisibilizada no município de Vitória da Conquista. O público atendido pelo Projeto é flutuante e varia conforme o conjunto de ações e serviços que consegue oferecer. Ainda assim, no primeiro semestre de 2025, em torno de 400 pessoas acessaram o espaço e seus serviços. Essa é uma breve síntese do projeto social Maria Nilza, que funciona com muita dificuldade, realizando parte do trabalho sociorreprodutivo que deveria ser responsabilidade do Estado.

Além das ações já descritas, Mãe Naza concorreu ao Edital Aldir Blanc para estruturar a biblioteca comunitária do Projeto e solicitou o apoio acadêmico do LEMarx-Uesb. A finalidade era organizar o espaço e as atividades educativas periódicas, abertas à comunidade, para formar público leitor e fortalecer o letramento racial e a etnicidade afro-brasileira na periferia do bairro Patagônia e seu entorno. A partir do contato para tratar da biblioteca comunitária, tomamos conhecimento das carências do Projeto e verificamos que o LEMarx-Uesb reunia condições para estruturar algumas ações. Neste ínterim, conforme demanda apresentada pela líder comunitária, pautamos como prioridade: 1) o atendimento às crianças e aos jovens com dificuldade na linguagem; 2) a instalação da biblioteca e 3) a construção do "Novembro Negro" em 2025.

Assim, a trajetória do Maria Nilza e de sua idealizadora, Mãe Naza, foi o fator impulsionador do Projeto de extensão que, naquela oportunidade, apresentamos para concorrer ao Edital Uesb 067/2025, "Mulheres de fronteira: cultura, etnicidade e trabalho do cuidado na periferia de Vitória da Conquista." Neste, as ações na comunidade foram articuladas com três grupos de estudo, realizados na Uesb, voltados para a formação de pesquisadoras, profissionais da saúde, da educação e do cuidado: 1) Grupo de Estudos sobre Vigotski, seus colaboradores e a abordagem histórico-cultural; 2) O Grupo de Estudos "As Rosas de Luxemburgo: epistemologias negras, pensamento afro-latino-americano e a tradição marxista" e 3) "Tia Ciata: pensamento e cultura negra anticolonial".

Nessa perspectiva, colocamos em foco a reprodução social, realizada de forma desproporcional por mulheres negras e periféricas, que buscam de distintas formas superar as fronteiras instituídas pelo racismo religioso, cultural, recreativo e socioeconômico no Brasil. São mulheres de fronteira que vivem em zonas de risco, disputam seus filhos entre a força

Revista Extensão & Cidadania, v. 14, n. 25, p. 293-309, jan./jun. 2026.
DOI: https://doi.org/10.22481/recuesb.v14i25.19297
ISSN 2319-0566

coercitiva do Estado e as organizações criminosas; que transitam entre os bairros nobres, onde executam trabalho doméstico e do cuidado, e seus locais de moradia; que migram de um país para outro e de uma região para outra em busca de sobrevivência; que caminham entre religiões cristãs conservadoras e suas tradições ancestrais; que vivem entre ser e não ser, pertencer e não pertencer, entre a violência e a invisibilidade. Estas são as mulheres de fronteira que, como Mãe Naza, não recuaram diante do pacto da branquitude e do eugenismo racial.

No sentido inverso, estas mulheres enfrentaram o colonizador e enfrentam a colonialidade capitalista, organizam movimentos sociais e comunitários, pautam a equidade, ao mesmo tempo, em que assumem e fortalecem o cuidado coletivo, a cultura e a etnicidade afro-brasileira. Este é o horizonte que balizou o projeto e articulou os saberes tradicionais de matriz afro-brasileira, as experiências dos movimentos sociais e a Lei Federal nº. 10.639/2003, com o saber científico produzido na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia.

De tal forma, o Projeto de Extensão foi composto por ações teóricas e práticas na perspectiva de desenvolver atividades com a comunidade acadêmica e regional. Importante destacar que os grupos de estudos foram espaços voltados para debater o desenvolvimento da fala e as questões raciais a partir da produção acadêmica de intelectuais marxistas, negras e negros. Esses espaços de debates foram fundamentais para suprir a lacuna sobre o conhecimento construído pelas pessoas negras que, apesar do avanço das lutas históricas, ainda enfrentam e disputam espaços nos currículos e no meio acadêmico. Beatriz Nascimento problematiza o silenciamento das produções acadêmicas feitas por mãos negras. Para Nascimento (2021), além de existir o apagamento da intelectualidade, existe também o reforço de representações estereotipadas. Segundo a autora:

> As manifestações preconceituosas são tão fortes que, por parte de nossa intelectualidade, dos nossos literatos, dos nossos poetas, da consciência nacional, vamos dizer, somos tratados como se vivêssemos ainda sob o escravismo. A representação que se faz de nós na literatura, por exemplo, é a de criado doméstico, ou, em relação à mulher, a de concubina no período colonial. (Nascimento, 2021, p. 40).

Assim, as ações que constituíram esse projeto, conforme indicamos a seguir, permitiram sistematizar e ampliar o diálogo entre a produção científica desenvolvida por pesquisadoras/es

Revista Extensão & Cidadania, v. 14, n. 25, p. 293-309, jan./jun. 2026.
DOI: https://doi.org/10.22481/recuesb.v14i25.19297
ISSN 2319-0566

e discentes da graduação e da pós-graduação, e a comunidade da Patagônia. Os grupos de estudos direcionadas para profissionais e estudantes propiciaram experimentar na prática as elaborações teóricas e também repensá-las à luz da realidade concreta vivenciada por aqueles e aquelas que lidam com o cotidiano de pessoas em situação de vulnerabilidade. As atividades para a construção do ciclo de atendimento às crianças e jovens com dificuldade na linguagem e do "Novembro Negro" foram uma excelente oportunidade para associar as experiências de pesquisa com práticas educacionais anticapacitistas e antirracistas. Por fim, com este relato sobre a instalação da biblioteca comunitária, esperamos dar visibilidade aos problemas estruturais da periferia de Vitória da Conquista e estimular o debate público sobre as relações étnico-raciais, generificadas e capacitistas no sertão da Bahia.

Metodologia

O Projeto proposto ocorreu entre 1 de julho e 20 de dezembro de 2025, com atividades distribuídas entre reuniões de planejamento, atividades organizativas e ações com o público. As ações foram discutidas com a equipe do LEMarx-Uesb, LAPEN-Uesb, o NEPEQ – UFF, o MNU, a Casa de Oyá e as colaboradoras, considerando a necessidade de encontros semanais ou quinzenais, conforme a especificidade do público atendido e da temática abordada.

O projeto foi organizado com metodologias diversificadas para atender à singularidade do público-alvo: 1) A equipe do LEMarx-Uesb trabalhou no planejamento e organização da logística das atividades na sede do Projeto Social Maria Nilza e na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia; 2) Formação interna, com equipe multidisciplinar, para o desenvolvimento qualificado do projeto; 3) Seleção e organização do material didático-pedagógico para os grupos de estudos; 4) Elaboração dos formulários de inscrição, coleta de dados do público-alvo e avaliação; 5) Organização dos espaços para o ciclo de atendimento às crianças e aos jovens, a implantação da biblioteca comunitária e as oficinas do "Novembro Negro" ; 6) Criação de material gráfico: folder e card dedivulgação da programação; 7) Gestão do site do LEMarx-Uesb e das redes sociais para veiculação das ações; 8) Sistematização do controle das inscrições e produção das listas de frequência para emissão dos certificados.

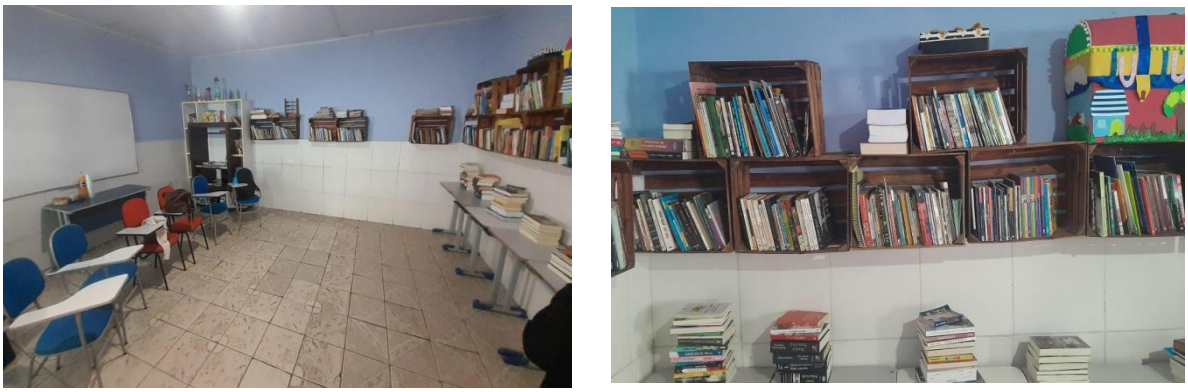
Revista Extensão & Cidadania, v. 14, n. 25, p. 293-309, jan./jun. 2026.
DOI: https://doi.org/10.22481/recuesb.v14i25.19297
ISSN 2319-0566

As ações buscaram debater com o público temas e experiências para interferir em suas realidades, socializar discussões atualizadas da área de estudo e estimular a formação de profissionais comprometidas/os com a superação da sociabilidade capitalista, racista, capacitista e cis-heteropatriacal. A equipe que conduziu as atividades era multidisciplinar, reunindo docentes e discentes da graduação e da pós-graduação da Uesb nas áreas da Saúde, Educação, Ciências Sociais, História e Letras, articulados a partir das pesquisas desenvolvidas.

Por fim, o foco deste relato de experiência são as ações para a implementação da biblioteca e realização do Novembro Negro. As atividades foram executadas pela coordenação do LEMarx, por dois discentes do curso de História/Uesb, bolsistas do Programa de Extensão, com o apoio de membros do laboratório, das bibliotecárias Juliana Santos de Almeida Brito e Juliana Teixeira de Assunção (responsável pela Biblioteca Central da Uesb/Vit.Conq.) e do Projeto Social Maria Nilza. As bibliotecárias foram responsáveis pela coordenação do trabalho e auxílio do registro dos livros no sistema. As atividades foram desenvolvidas nos espaços da UESB e na sede do Projeto Social Maria Nilza.

Nessa perspectiva, a primeira ação desenvolvida foi a instalação da Biblioteca Comunitária Tia Nita. No primeiro momento, o espaço da biblioteca estava localizado na Rua dos Pampas, n°1101, no bairro Patagônia, local da antiga sede do projeto. Havia a necessidade de organizar os livros para ficarem em conformidade com as regras da biblioteconomia. As Figuras 1 e 2 do anexo mostram como era a instalação inicial da Biblioteca.

Figura 1 e 2 : Antigo espaço da Biblioteca Comunitária



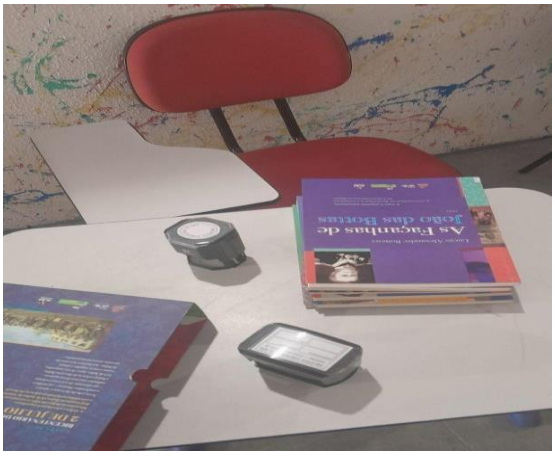
Fonte: Acervo do projeto de extensão (2025).

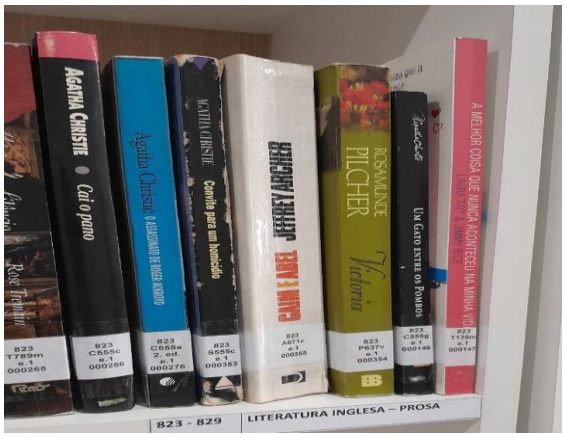
Revista Extensão & Cidadania, v. 14, n. 25, p. 293-309, jan./jun. 2026.
DOI: https://doi.org/10.22481/recuesb.v14i25.19297
ISSN 2319-0566

O acervo estava localizado na antiga sede do projeto social e não possuía nenhum tratamento técnico ou organização sistematizada. Assim, o trabalho iniciou com a higienização dos livros e uma primeira seleção de quais poderiam permanecer no acervo. Outro passo importante foi a instalação do PHL, um tipo de software gratuito para gestão de bibliotecas. Durante a organização do trabalho, iniciou-se a mudança de espaço do Projeto Social e foi necessário continuar as atividades na "Casa de Oyá". O trabalho prosseguiu com a triagem do acervo e a classificação dos livros por área do conhecimento. Após a inauguração do novo espaço do projeto social, localizado na Avenida Caxias do Sul, nº 485, no bairro Patagônia, a Biblioteca ganhou o nome de "Tia Nita", uma mulher negra, ancestral de Mãe Naza.

O trabalho da instalação prosseguiu com a identificação do acervo por meio dos carimbos e, depois, o registro no sistema através do PHL. Nesse software, era necessário informar os dados do livro, entre eles: título da obra, nome do autor, edição e ano de publicação. Dessa forma, o sistema fornecia o número do tombo e o código do acervo. O último passo foi a etiquetagem dos livros, as etiquetas foram geradas através do PHL. Após as etiquetas serem coladas, os livros foram organizados na estante de acordo com a sua classificação. As Figuras 3 e 4 registram esse passo importante para a Biblioteca.

Figuras 3 e 4 : Organização dos livros





Fonte: Acervo do projeto de extensão (2025).

Revista Extensão & Cidadania, v. 14, n. 25, p. 293-309, jan./jun. 2026.
DOI: https://doi.org/10.22481/recuesb.v14i25.19297
ISSN 2319-0566

A Biblioteca Tia Nita também desenvolveu um sistema de empréstimo através de um formulário de inscrição, produção de carteirinhas do leitor e o controle de saída dos livros. O leitor fazia sua inscrição através de um formulário manual e dias depois retornava para pegar a carteirinha da Biblioteca e já era liberado para poder pegar livros emprestados. O leitor passou a ter sete dias de empréstimo, após o fim deste prazo, era possível realizar a renovação. A Figura 5 apresenta a carteirinha da Biblioteca.

Figura 5 : Carteirinha da Biblioteca



Fonte: Acervo do projeto de extensão (2025).

O projeto encerrou a implantação da Biblioteca Comunitária Tia Nita com 900 livros catalogados em diversos gêneros. Nesse processo, a biblioteca também contabilizou 34 leitores e diversos empréstimos realizados. Durante esse período de estruturação da Biblioteca foram realizados alguns plantões de cadastro de novos leitores. Também foram distribuídos panfletos como forma de divulgação. O projeto de extensão finalizou em dezembro/2025, mas o LEMarx prosseguiu no local realizando o registro de livros no sistema através de uma estagiária do laboratório. O trabalho na Biblioteca também prosseguiu com contação de história, roda de leitura, encontro de autores locais e mostra de audiovisual sob a supervisão da bibliotecária Juliana Santos de Almeida Brito. Além das doações que continuaram sendo recebidas, por exemplo, a Biblioteca foi contemplada com material da Fundação Dorina Nowill para cegos. A Figura 6 registra o espaço da Biblioteca após os cinco meses de trabalho.

Revista Extensão & Cidadania, v. 14, n. 25, p. 293-309, jan./jun. 2026.
DOI: https://doi.org/10.22481/recuesb.v14i25.19297
ISSN 2319-0566

Figura 6: Espaço da Biblioteca Comunitária Tia Nita



Fonte: Acervo do projeto de extensão (2025).

Igualmente com o que ocorria no trabalho na Biblioteca, era realizado o ciclo de atendimento às crianças e aos jovens com dificuldade na linguagem, pela Profa. Dra. Carla Salati e seu grupo de pesquisa (LAPEN- DELL/Uesb), no Projeto Social. Na Uesb, seguiam os grupos "Estudos sobre Vigotski ", "As Rosas de Luxemburgo" e "Tia Ciata". Aqui, destacamos "O Rosas", um espaço que além de fazer o debate teórico também acolhia os relatos pessoais e a dificuldade do processo em tornar-se negro. Tantos foram os momentos de partilha em que os membros contavam suas experiências e as dificuldades em ser uma pessoa negra no Brasil. O resultado desse conjunto de ações foi sistematizado no "Novembro Negro", espaço de formação e reflexão sobre a realidade da população negra na particularidade brasileira.

Resultados e discussão

Em conformidade com a Teoria da Reprodução Social, a partir da compreensão da economia política em Karl Marx, podemos afirmar que, no capitalismo, "a reprodução social

Revista Extensão & Cidadania, v. 14, n. 25, p. 293-309, jan./jun. 2026.
DOI: https://doi.org/10.22481/recuesb.v14i25.19297
ISSN 2319-0566

refere-se a reprodução da força de trabalho, sua manutenção de maneira estável, constante e barata" (Silva, 2024, p. 83).

Para Bhattacharya (2019), a força de trabalho é reproduzida por três processos interconectados: 1) Por atividades ligadas à manutenção diária dos trabalhadores ativos, que regeneram e repõem as energias da força de trabalho, permitindo que ela retorne ao local de trabalho; 2) Por atividades relacionadas ao cuidado dos não-trabalhadores das classes subordinadas (crianças, idosos, doentes, e outros membros não-trabalhadores nas famílias); 3) Pela reposição geracional (biológica) da classe trabalhadora, através do parto.

Silva (2024) complementa afirmando que os trabalhos de reprodução social desdobram-se em três tipos: 1) O trabalho doméstico não pago, executado dentro da família de forma privada e gratuita (cuidado das roupas, preparo da comida, criação/educação/socialização das crianças, cuidado dos idosos e doentes etc.); 2) Diversas formas de trabalho doméstico remunerado (empregadas, faxineiras, babás, enfermeiras, cozinheiras etc.); 3) Trabalhos assalariados diversos – que podem inclusive ser produtivos – que estão ligados à manutenção e reprodução da força de trabalho, como por exemplo trabalhos ligados à educação, saúde, alimentação, limpeza etc.

Desse modo, quando falamos de reprodução social, tratamos não só do trabalho doméstico não pago, não só do trabalho doméstico remunerado, mas de todos os trabalhos envolvidos diretamente na reprodução, sobrevivência, subsistência e formação dos trabalhadores. Nesta perspectiva, fica posto que não existe processo de produção sem interação social e neste está envolvida toda a unidade de contrários que constitui a sociedade. Aqui é importante observar que mesmo sendo as mulheres constitutivas desse processo, do medievo à modernidade, sua inserção aparece limitada pela autoridade masculina – o que implica uma série de questões sobre a fundamentação histórica do poder patriarcal no Ocidente europeu, que por ora não vamos nos deter – e, no geral, associada ao trabalho doméstico. Este é configurado como lócus de atuação feminina, profundamente transformado pelas relações capitalistas de produção, que demarcam o cercamento das mulheres da modernidade à diáspora africana.

No Brasil, as mulheres racializadas foram relegadas as zonas de fronteira, entre ser e não ser, desumanizadas como "mulatas", "empregadas domésticas" ou "amas de leite", como

Revista Extensão & Cidadania, v. 14, n. 25, p. 293-309, jan./jun. 2026.
DOI: https://doi.org/10.22481/recuesb.v14i25.19297
ISSN 2319-0566

destaca Lélia Gonzalez (2020), responsabilizadas de modo desproporcional pela reprodução social, em especial pelo trabalho do cuidado. Somada a esta realidade, o eugenismo no Brasil perseguiu a cultura de matriz afro-brasileira e formulou ideologicamente a inferioridade étnica da população negra, insuflando a assimetria socioeconômica, de gênero e racial, que repercute de forma importante entre as populações periféricas, discriminadas e impedidas historicamente do acesso à educação, saúde, moradia, saneamento básico e lazer.

Por outro lado, esses mesmos grupos racializados, encontram entre as mulheres, referência de cuidado coletivo, saber tradicional, preservação da ancestralidade e valorização de uma estética política e contra-hegemônica. Tal perspectiva balizou o Projeto "Mulheres de fronteira: cultura, etnicidade e trabalho do cuidado na periferia de Vitória da Conquista", pois mobiliza e articula categorias centrais ao entendimento da realidade brasileira, bem como a premência de alterá-la. De tal modo, é fundamental articular políticas públicas e movimentos comunitários.

Nessa perspectiva, o projeto foi estruturado a partir de uma demanda social efetiva, superar as múltiplas determinações que têm historicamente impactado na reprodução da vida de crianças, jovens e mulheres residentes na periferia de Vitória da Conquista. Mulheres que vivenciam a desigualdade socioeconômica e de gênero, o racismo e o capacitismo, expressos no cotidiano da família, escola e trabalho. Avaliamos, portanto, que a universidade pode contribuir de forma extraordinária para consolidar projetos educacionais antirracistas e anticapacitistas, fortalecer a cultura de matriz afro-brasileira e superar as fronteiras que racializam, subordinam e desumanizam as mulheres negras.

Observada essa articulação entre teoria e prática, a extensão possibilitou um impacto na aprendizagem e na formação da comunidade envolvida. Em termos práticos, o trabalho realizado na Biblioteca foi fundamental para compreender que a organização de uma estante exige preparo, processo e lógica de ordenação.

A implantação da Biblioteca Tia Nita, vinculada ao Projeto Social Maria Nilza, constituiu-se como uma experiência técnico-profissional e, ao mesmo tempo, profundamente social, evidenciando o papel transformador da Biblioteconomia em contextos comunitários. Conforme demonstrado na metodologia, o trabalho teve início a partir do zero, exigindo uma

Revista Extensão & Cidadania, v. 14, n. 25, p. 293-309, jan./jun. 2026.
DOI: https://doi.org/10.22481/recuesb.v14i25.19297
ISSN 2319-0566

atuação ampla e estratégica em todas as etapas do processo. Inicialmente, realizou-se a triagem do acervo disponível, atividade fundamental para identificar as condições físicas dos materiais, sua pertinência temática e o potencial de utilização pela comunidade atendida pelo projeto. Essa etapa demandou sensibilidade e critério técnico, uma vez que muitos materiais apresentavam estado de conservação variado e necessitavam de avaliação quanto à sua permanência ou descarte.

Superada a fase de triagem, deu-se início ao processo de catalogação, seguindo padrões técnicos da área, com vistas à organização e recuperação eficiente da informação. Essa etapa foi essencial para garantir que o acervo pudesse ser acessado de forma funcional e democrática pelos usuários, respeitando os princípios da Biblioteconomia no que se refere à representação descritiva e temática dos documentos. Paralelamente, foi realizada a classificação das obras e a padronização das informações, contribuindo para a construção de um sistema coerente e acessível.

Outro ponto fundamental do trabalho foi a instalação e a configuração de um software de gerenciamento de bibliotecas, permitindo não apenas o controle do acervo, mas também a organização dos processos de empréstimo, devolução e consulta. A informatização do sistema representou um avanço significativo para o projeto, pois viabilizou maior autonomia e sustentabilidade na gestão da biblioteca, além de aproximar o espaço das práticas contemporâneas da área, utilizamos o software PHL.

A preparação do espaço físico também foi uma etapa relevante, envolvendo a organização do ambiente de forma acolhedora, funcional e adequada às necessidades dos usuários. Pensou-se a biblioteca não apenas como um local de guarda de livros, mas como um espaço de convivência, aprendizagem e incentivo à leitura, especialmente para crianças e jovens atendidos pelo Projeto Social Maria Nilza. Nesse sentido, a disposição do acervo, a sinalização e a ambientação foram planejadas para favorecer o acesso e estimular o interesse pelo livro e pela leitura.

Importante destacar que todo esse processo foi desenvolvido de forma colaborativa. Contamos com o apoio significativo dos bolsistas do Programa, cuja dedicação foi essencial em diversas etapas do trabalho, e de Juliana Brito, estagiária de Biblioteconomia, que contribuiu

Revista Extensão & Cidadania, v. 14, n. 25, p. 293-309, jan./jun. 2026.
DOI: https://doi.org/10.22481/recuesb.v14i25.19297
ISSN 2319-0566

ativamente na execução das atividades técnicas e organizacionais. A atuação conjunta fortaleceu não apenas o desenvolvimento das atividades, mas também o caráter formativo da experiência, evidenciando a importância da integração entre ensino, pesquisa e extensão.

Atualmente, a Biblioteca Tia Nita encontra-se estruturada e em pleno funcionamento, consolidando-se como um importante equipamento cultural e educacional dentro do projeto social. O trabalho desenvolvido reforça a relevância da presença do profissional bibliotecário em iniciativas comunitárias, demonstrando que a organização da informação é também uma prática social, capaz de promover inclusão, acesso ao conhecimento e transformação de realidades.

Dessa forma, a extensão proporcionou a unidade entre teoria e prática, comunidade acadêmica e regional, resultando na realização do "Novembro Negro", que assumiu o título de "I Encontro de Saberes na Encruzilhada e Vozes Insurgentes" e "Feira Saberes e Fazeres", realizado entre 17 e 31 de novembro de 2025.

O Encontro foi realizado na Uesb, *campus* de Vitória da Conquista, e aberto com um "padê para Exú", o orixá das encruzilhadas, porteiras e caminhos. No Candomblé de nação ketu, Exú é o primeiro orixá a ser saudado antes de qualquer função nas Casas de Axé, saudação feita através do "Ritual do Padê". Nessa cerimônia, Exú é reverenciado através de cantigas e elementos do seu agrado, a palavra padê significa reunião ou encontro da comunidade (Verger, 2018). Essa ritualística simbolizou a celebração da existência da cultura negra e das tradições religiosas afro-brasileiras.

Após o ritual para o Exú, aconteceu a mesa intitulada "Tornar-se negra", cujo objetivo era trazer representações do Candomblé, Samba e Movimento Negro Unificado. A mesa foi composta por Mãe Naza de Oyá (Yalorixá do Ilê Axé Oyá Funmiayo Kilyobá), representando o Candomblé; Gessica Maria Silva São José (Doutoranda do PPGMLS/Tia Ciata-LEMarx/UESB), representando o samba; e Nana Aquino (MNU), representando o Movimento Negro Unificado. O evento contou com a participação de Professores doutores especialistas na temática, Profa. Dra. Bárbara Araújo (UFRJ) e Prof. Dr. Márcio Farias (PUC-SP) que colaboraram com a realização de discussões teóricas nas mesas e nos minicursos.

Revista Extensão & Cidadania, v. 14, n. 25, p. 293-309, jan./jun. 2026.
DOI: https://doi.org/10.22481/recuesb.v14i25.19297
ISSN 2319-0566

A celebração do “Novembro Negro” foi encerrada com a “Feira Cultural Saberes e Fazeres”, no dia 30 de novembro de 2025. A Feira foi realizada na sede do Projeto Social Maria Nilza e contou com uma programação diversificada com shows, oficina de artes, oficina de turbante, serviços de saúde, aconselhamento jurídico, batalha de rap, slam, capoeira e roda de maculelê, samba de roda e a distribuição do caruru. A comunidade da Patagônia assistida pelo projeto social participou da Feira durante toda a programação, que contou também com o envolvimento dos membros do LEMarx e dos Grupos de Estudos. O Caruru foi organizado pela Casa de Oyá e a Batalha de Rap pelo Movimento Negro Unificado. Ambos contaram, respectivamente, com a liderança de mulheres negras, Mãe Naza de Oyá e Letícia Figueredo.

Conclusão

A experiência de atuação no projeto “Mulheres de Fronteiras: Cultura, Etnicidade e Trabalho do Cuidado na Periferia de Vitória da Conquista” foi muito além do cumprimento de uma ação extensionista. Foi um processo que dialogou com a formação, identidade e prática. Também foi possível classificar três tipos de aprendizados para todos os envolvidos: o técnico, o teórico e o pessoal. A extensão universitária é a possibilidade de construir conhecimentos e saberes diversos, promovendo o diálogo entre a comunidade acadêmica e regional, ampliando assim a necessidade de fortalecer a luta por uma universidade pública, gratuita, de qualidade, popular e em diálogo com as demandas sociais, transformando a periferia em centro, e o cuidado em responsabilidade estatal.

Referências

BHATTACHARYA, Tithi (Org.). **Teoria da reprodução social:** remapear a classe, recentralizar a opressão. São Paulo: Elefant**e**, 2023.

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo Afro-latino americano**. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

Revista Extensão & Cidadania, v. 14, n. 25, p. 293-309, jan./jun. 2026.
DOI: https://doi.org/10.22481/recuesb.v14i25.19297
ISSN 2319-0566

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Vitória da Conquista (BA). Panorama. Disponível em: https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ba/vitoria-da-conquista/panorama Acesso em: 4 abr. 2026.

NASCIMENTO, Beatriz. **Uma história feita por mãos negras:** relações raciais, quilombos e movimentos. Organização de Alex Ratts. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

SILVA, Danielle Jardim da. Olhares sobre reprodução social em O Capital de Marx. *In*: SILVA, Danielle Jardim da; VEREZA, Renata (Org.). **Gênero e trabalho na História**. São Paulo: Usina Editorial, 2024.

VERGER, Pierre Fatumbi. **Orixás:** deuses iorubás na África e no Novo Mundo. Salvador: Corrupio, 2002.

Recebido: 26. 02.2026

Aceito: 02.05.2026

Publicado: 10.06.2026

This work is licensed under a Creative Commons Attribution 4.0 International License.

Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons - Atribuição 4.0